

Hermenêutica e tolerância: notas sobre tolerância segundo a perspectiva da hermenêutica de Gadamer

Hermeneutics and tolerance: notes on tolerance according to the perspective of Gadamer's hermeneutics

Itamar Luís Hammes*

Resumo

O texto apresenta notas sobre tolerância na perspectiva da hermenêutica de Gadamer. Isto é feito a partir da natureza do diálogo hermenêutico, passando pela idéia de tolerância que Gadamer apresenta em *Elogio da teoria*.

Palavras-chave: hermenêutica, tolerância, diálogo.

Considerações iniciais

Em *Elogio da teoria*, obra de 1983, Gadamer aborda, entre outros temas, o poder da razão, a ciência e a opinião pública, a idéia de tolerância e a força expressiva da linguagem. Afirma que a tolerância é a virtude menos respeitada de todas e percebe que esta “não é uma expressão da debilidade, mas da fortaleza” (GADAMER, 2001, p. 85). Isso significa o reconhecimento de direitos iguais aos que pensam de outra maneira. Dizendo de outra forma, a tolerância, apesar de ser a menos frequente entre as virtudes, não é um sinal de fraqueza ou debilidade, mas de fortaleza, que reside justamente no reconhecimento de direitos iguais àqueles que pensam diferente.

* Mestre em Filosofia e professor na URI Campus de Erechim. E-mail: itamarh@uri.com.br.

Neste texto queremos apresentar algumas notas sobre tolerância na perspectiva da hermenêutica de Gadamer. Nossa tese é de que a virtude da tolerância é uma espécie de princípio orientador que acompanha todo o pensamento de Gadamer: “A palavra só encontra sua confirmação através da recepção no outro e da aprovação do outro” (GADAMER, 1992, p. 205). Isso é feito em dois momentos: primeiro queremos mostrar que todo o pensamento de Gadamer é uma tentativa de fazer acordos ou construir consensos, por isso, é um pensamento que, por natureza, preza pela tolerância na medida em que respeita o outro e reconhece direitos iguais aos que pensam diferente; em segundo lugar queremos trazer para a discussão o artigo “A idéia de tolerância: 1782-1982”, em que Gadamer denuncia algumas situações contemporâneas de intolerância e precisa os limites dentro dos quais hoje se discute o conceito de tolerância.¹

A hermenêutica enquanto busca do acordo na diferença ou exercício da tolerância

Para Gadamer, o acordo ou consenso é uma consequência direta do diálogo, da capacidade de confrontar-se com o estranho e adverso. Dialogar consiste em encontrar os pontos de contato, as bases comuns sobre as quais se pode estabelecer uma troca de idéias e experiências: descobrir o que une para compreender o que sepa-

ra. Por isso, a tarefa da hermenêutica “é compreender o outro, a fim de ver se, quem sabe, não será possível, afinal, algo assim como solidariedade da humanidade enquanto um todo, também, no que diz respeito a um viver junto e a um sobreviver com o outro, então – se isso não acontecer – não poderemos realizar as tarefas essenciais da humanidade, nem no que tem de menor nem no que tem de maior” (GADAMER, 2000, p. 25).

O diálogo é um processo lingüístico humano que tem unidade e harmonia próprias. Não é um processo vazio, de palavras ocas, ou um encontro superficial, pois sempre deixa algo em nós: “Não é o fato de que nós experimentamos algo novo, o que faz o diálogo um diálogo; mas que algo outro veio ao nosso encontro que ainda não havíamos encontrado em nossa experiência própria do mundo” (GADAMER, 1992, p. 206). O diálogo hermenêutico “possui uma força transformadora. Onde um diálogo é bem-sucedido, algo nos ficou e algo fica em nós que nos transforma. Assim, o diálogo encontra-se em vizinhança com a amizade” (p. 207), na qual “onde cada um permanece o mesmo para o outro, porque ambos encontram o outro e no outro se encontram” (p. 207).

Essa forma de pensar o diálogo remonta, em parte, aos mestres da filosofia do diálogo, como Friedrich Schleiermacher, Friedrich Schlegel, Franz Rosenzweig, Martin Buber, Friedrich Gogarten e Ferdinand Ebner. Gadamer lembra, especialmente, Schleiermacher, que atribuiu ao modelo platônico do diálogo uma priori-

dade particular de verdade. Para este pensador, o encontro de duas pessoas permite confrontar duas perspectivas de mundo e duas imagens de mundo, diferentemente do “olhar único sobre o único mundo” (GADAMER, 1992, p. 205). No modelo platônico, o diálogo transformou-se em princípio de verdade. Uma “palavra só encontra sua confirmação através da recepção no outro e da aprovação do outro, e que a consequência do pensar, que não fosse ao mesmo tempo um acompanhar dos pensamentos do primeiro pelo outro, ficaria sem força convincente” (p. 205). O diálogo permite desenvolver o pensamento na medida em que possibilita objeções, aprovações, mal-entendidos, ou mesmo compreensão; mais importante é que possibilita superar a singularidade, a individualidade em direção a uma linguagem comum.

Existem, na opinião de Gadamer, diferentes formas de diálogo que se encontram ameaçadas de extinção: o diálogo pedagógico, a negociação oral, o diálogo terapêutico e o diálogo confidencial. O diálogo pedagógico que se desenvolve entre o professor e o aluno é uma das formas dialógicas que se encontra ameaçada. Quem se encontra na situação de professor e tem de ensinar acredita que deve falar da forma mais clara, consistente e convincente possível. Não existe espaço para o imprevisto e a discussão. Tal incapacidade para o diálogo encontra-se na concepção de que o professor é o “transmissor autêntico da ciência na estrutura monológica da ciência e da teoria moderna” (GADAMER, 1992, p. 207).

Na negociação oral, os participantes do diálogo aproximam-se por um interesse ou uma troca. Neste tipo de diálogo procura-se o acordo e os participantes não são vistos como pessoas, mas como administradores que defendem os interesses que representam. Contudo, mesmo se tratando de interesses econômicos ou negociação, “está implícito o pressuposto decisivo de que se saiba perceber o outro como outro” (GADAMER, 1992, p. 208).

Outra forma de diálogo é o diálogo terapêutico, que se desenvolve na prática psicanalítica entre médico e paciente. Aqui a incapacidade para o diálogo é a situação inicial a partir da qual se procura a reabilitação ao diálogo, que se apresenta como o processo mesmo da cura. O paciente encontra-se num estado de total impotência, distante do mundo e das pessoas. Essa cisão com a comunidade natural de diálogo com as pessoas leva-o à consciência da própria doença e o conduz ao médico. O psicanalista, por sua vez, não é só um parceiro de diálogo, mas aquele que procura abrir os campos que são tabus do inconsciente. O diálogo, nesse sentido, é “um trabalho de clarificação em comum e não uma simples aplicação de um saber por parte do médico” (GADAMER, 1992, p. 209).

Gadamer apresenta ainda uma incapacidade para o diálogo “que não se confessa a si mesma” (1992, p. 209) e se desenvolve no diálogo confidencial. Afirmações como “contigo não se pode falar” ou “não preciso ouvir”, inibem e fecham qualquer possibilidade de diálogo ou do outro entrar no diálogo.

Nesse caso, comenta Luiz Rohden (2002, p. 187), “um não se põe em diálogo e o outro fica impedido de entrar no jogo dialógico”.

Além de demonstrar a incapacidade para o diálogo em suas diferentes formas, Gadamer sinaliza para duas posturas típicas de incapacidade para o diálogo: a incapacidade subjetiva, que é a incapacidade de ouvir, e a incapacidade objetiva, que é consequência da falta de uma linguagem comum. A primeira refere-se àquelas situações em que não se quer ouvir ou se ouve mal, que Gadamer assim descreve: “Não ouvir e ouvir mal – ambas as coisas provêm da mesma razão que se pode encontrar na própria pessoa. Só aquele que não ouve ou ouve mal, que permanentemente se escuta a si mesmo, aquele cujo ouvido está, por assim dizer, cheio do alento, que constantemente se infunde a si mesmo ao seguir seus impulsos e interesses, não é capaz de ouvir o outro” (1992, p. 209).

A segunda incapacidade para o diálogo, a incapacidade objetiva, reside na falta de uma linguagem comum entre os seres humanos. Essa linguagem vai se “degradando sempre mais e mais quanto mais nós nos adaptarmos à situação monológica da civilização científica dos nossos dias e à técnica de informação de tipo anônimo à qual estamos sujeitos” (GADAMER, 1992, p. 210). Gadamer lembra o diálogo de mesa e a forma como vai desaparecendo, sendo substituído pelo conforto técnico e seu uso irracional, em casos produzidos, por exemplo, pelos meios de comunicação social.

Mesmo apontando para os desafios e as dificuldades que o diálogo impõe, Gadamer, de certa forma, acredita que nada impede as pessoas de chegarem a um acordo ou entendimento. Cita o caso extremo do diálogo entre pessoas de línguas maternas diferentes, que se sentem estimuladas a dizer algo uma para a outra. Este exemplo extremo mostra que também onde falta a linguagem comum pode-se alcançar o entendimento entre os parceiros; basta, para tanto, “paciência, sensibilidade, a simpatia e a tolerância, e mediante a confiança incondicional na razão que todos nós partilhamos. Nós vivenciamos continuamente que, também entre pessoas de temperamento diferente e de opiniões políticas diferentes, o diálogo é possível” (GADAMER, 1992, p. 210).

Uma tentativa de caracterizar o diálogo hermenêutico

O diálogo hermenêutico, como processo, não tem a pretensão de alcançar um acordo absoluto. O verdadeiro diálogo procura atender o outro, deixar valer seus pontos de vista, exercer um olhar imanente para entender o que ele quer dizer. Não existe domínio de um parceiro sobre o outro; toma-se uma postura de escuta, deixa-se o outro influenciar. Não há uma autocerteza metódica ou uma postura dogmática, mas uma postura de abertura; significa tomar o outro a sério, levar o outro

em conta, reconhecer nele um legítimo interlocutor. Uma pessoa que tem algo a dizer é capaz, portadora de uma verdade. Há, portanto, lugar para o dizer e para o falar, para a oferta e a procura, para o sim e para o não, para o acerto e para o erro. O diálogo é isso: “relação, interação, jogo de pergunta e resposta, conhecimento e reconhecimento” (ALMEIDA, 2002, p. 28).

Existe uma analogia estrutural do diálogo com o modo de ser do jogo. Não podemos descrever o jogo a partir da consciência do sujeito que joga, pois “o jogo é, na realidade, um processo dinâmico que engloba os que jogam ou o que joga” (GADAMER, 1992, p. 150). No jogo o jogador sai de si, deixa a sua subjetividade, para entrar no movimento do próprio jogo. O diálogo também não depende substancialmente da vontade do sujeito. Geralmente afirmamos que o diálogo tem um movimento próprio e nos deixamos levar por ele. Assim, ressalta Gadamer: “Onde um diálogo é bem sucedido, sentimo-nos, após, como se diz, plenos. O jogo de fala e réplica joga-se adiante no diálogo íntimo da alma consigo mesma, como Platão, de forma tão bela, chamou o pensar” (p. 150-151).

Um diálogo autêntico não pode ser conduzido pela subjetividade dos participantes, que chegam como que tarde demais e apenas participam do diálogo. O diálogo tem um movimento próprio, uma direção em que os participantes são menos os diretores que os dirigidos. Também não podemos antecipar o resultado do diálogo. Dizer que um diálogo foi bom significa afirmar que tem “seu próprio espírito e que a linguagem

que nele discorre leva consigo sua própria verdade, isto é, ‘desvela’ e deixa aparecer algo que desde este momento é” (GADAMER, 1977, p. 461).

No diálogo hermenêutico não deve haver a pretensão de um parceiro impor sua opinião sobre o outro, nem significa, necessariamente, estar de acordo com o parceiro. O parceiro deve poder ponderar e pensar sobre o que o outro pensa; pode ter razão com o que diz e com o que propriamente quer dizer. Assim, é mais adequado falar que o diálogo transforma a ambos. Dessa forma,

a consciência que não é já minha opinião nem a tua, mas uma interpretação comum do mundo possibilita a solidariedade moral e social. O que é justo e se considera tal reclama por si mesmo a coincidência que se alcança na compreensão recíproca das pessoas. A opinião comum vai se formando constantemente quando falamos uns com os outros e desemboca no silêncio do consenso e do evidente (GADAMER, 1992, p. 185).

Para Gadamer, compreender não significa estar de acordo com aquilo, com o quê ou com quem se compreende; antes, significa que eu posso ponderar e considerar o que o outro pensa, que poderia ter razão com aquilo que diz e de fato quer dizer. Compreender não é, pois, um domínio do oposto, do outro e, em geral, do mundo objetificado, compreender significa ter consciência de que nossa linguagem efetiva não é suficiente para esgotar o diálogo. Somente no diálogo, “no encontro com pessoas que pensam diferentemente, podendo habitar em nós mesmos, podemos esperar chegar além da limitação de nossos eventuais horizontes” (GRONDIN, 2001, p. 207).

Uma das condições fundamentais para a efetivação do diálogo hermenêutico é saber ouvir. O diálogo não se esgota nos processos de comunicação do escrever, do falar, do representar. Quem é “interpelado tem que ouvir, queira ou não. Não pode afastar seus ouvidos do mesmo modo que, ao olhar algo, se afasta olhando para uma direção determinada” (GADAMER, 1977, p. 553). Podemos até fechar os olhos, mas não podemos fechar os ouvidos. A moral e a literatura existiram, originariamente, em forma oral, na qual o ouvir possuía primazia sobre o olhar. A linguagem oral expressa a totalidade de uma vez que nela se conservam a tonalidade e a musicalidade da voz, dimensões centrais do ouvir. Na tradição judaica, por exemplo, por esse motivo não se podia descrever nem usar o nome *Iahweh*, porque era inefável e indescritível (ROHDEN, 2002, p. 217).

No ouvir está presente uma componente que nos leva ao compromisso, à solidariedade. Quando ouvimos, não nos diminuimos, mas assumimos um compromisso com aquele que fala. “Quem ouve realmente sente a necessidade de responder às palavras de outrem, isto é, de comprometer-se com a palavra de outro para que ocorra o diálogo hermenêutico” (ROHDEN, 2002, p. 218).

Sobre o exercício da tolerância em nosso tempo

Ao falar sobre a idéia de tolerância, Gadamer remonta ao iluminismo europeu, que impeliu a emancipação dos homens da religião e da política.

O desenvolvimento das ciências, da reforma luterana e dos ideais de liberdade moderna limitou o poder da religião e dos príncipes. Gadamer pergunta-se sobre a capacidade e possibilidade de a idéia de tolerância, formada no seio do movimento iluminista da sociedade política cristã, sair-se bem perante o endurecimento ideológico que se estabeleceu no combate pelo domínio da terra. Ou ainda: “Que significado pode ter a tolerância, quando nenhuma religião, e talvez nem sequer a religião do ateísmo, está certa de si, de modo a poder fundamentar também as suas pretensões de um modo racional, como a sociedade política cristã da Europa, há séculos, se convenceu de que o podia fazer?” (GADAMER, 2001, p. 86).

Na visão de Gadamer, o problema da tolerância religiosa não aparece mais em primeiro lugar quando se discute o tema da tolerância, mas em último. Hoje precisamos dedicar uma atenção particular à economia. Pergunta-se o autor: “Já não se está tão seguro de que se deva e possa ser tolerante – ou temos de dizer que tudo o que não vive da dominação dos duros dólares existe apenas graças à tolerância?” (GADAMER, 2001, p. 87).

Para Gadamer, os processos econômicos e técnicos são os verdadeiros dominadores dos nossos dias. Tanto a economia como a técnica situam-se para além dos ordenamentos políticos particulares, democráticos ou totalitários em que nossos Estados se constituem. Existe “algo de intransigente no ideal da racionalidade científica, ao qual ninguém que seja prudente se pode opor” (GADAMER, 2001,

p. 88). Na visão de Gadamer, a idéia de tolerância adquire hoje um novo significado porque não pode ser exigida de quem ou dos poucos que têm o poder. A dominação absoluta de um único indivíduo ou de uma classe dominante não existe mais. “No fundo, já ninguém tem o poder, todos estão ao seu serviço” (GADAMER, 2001, p. 92). É por isso que a tolerância se transformou numa tarefa universal.

A excessiva industrialização e burocratização da sociedade dissolveram muitas das tradições outrora válidas. As pessoas, especialmente os mais jovens, vivem uma espécie de sentimento de liberdade quando da aquisição de um carro próprio ou de outro instrumento da tecnologia contemporânea. No “entanto, tal significa o extremo isolamento de todos e o fim do diálogo e, ao mesmo tempo, uma enorme perda da liberdade, que reside na inevitável dependência da política dos *media*.”² (GADAMER, 2001, p. 88). Para Gadamer, essa aparente sensação de liberdade é acompanhada por um sentimento de desamparo e de impotência – uma impotência diante do sistema.

Não existe nenhuma área de nossa vida que não esteja integrada nesse sistema de burocratização e que não seja agora por ele administrada; o seu alcance se estende da vida familiar à indústria cultural. Somos, inevitavelmente, governados pela economia. Citando Max Weber, que previu o progressivo desencantamento do mundo como uma burocratização, Gadamer afirma que esta domina de ponta a ponta o nosso sistema social e que nenhum sistema político no mundo

conhece algum antídoto. Também não existe uma diferença substancial entre um Estado unipartidário e um Estado multipartidário. O sistema unipartidário, por acreditar numa única doutrina, elimina os que pensam de outro modo, aniquila-os fisicamente ou trata-os como doentes mentais. No sistema multipartidário, a influência dos *mass media* na formação da opinião e no enfraquecimento da faculdade de julgar é mais ameaçadora por ser imperceptível. Na visão de Gadamer, “até nas entidades legisladoras e nos seus espaços de decisão se consoma o irresistível processo de burocratização e de automatização da administração. Pense-se eventualmente nos aparelhos partidários que limitam a liberdade de voto dos representantes, ou na dependência do político relativamente ao perito” (2001, p. 91).

Gadamer também chama atenção para o fato da tolerância ou intolerância existente entre as gerações. As alterações de nossa sociedade são tantas que faltam as convicções comuns. Já nem se tem mais a certeza sobre o valor da tolerância ou sobre quem deve ser exortado à tolerância: os mais velhos? Os pais? Os mais jovens? Hoje nem os mais velhos nem os mais jovens se adaptam ao padrão pelo qual desde sempre se resolveram os conflitos de geração. Pergunta-se Gadamer:

Onde está hoje a autoridade da geração influente e mais velha que podia comportar-se perante os mais jovens de modo tolerante ou intolerante, e como se deve perfilar o impulso emancipatório das gerações posteriores, se tudo lhes é acessível e permitido? O que impele os

jovens à intolerância não é a segurança dos seus novos conceitos de valor, mas, pelo contrário, a sua secreta falta de orientação (2001, p. 87).

Para Gadamer, a idéia de tolerância está presente em tudo, não apenas como virtude de convívio, “mas como fundamento da disposição anímica humana, que conta com a alteridade do outro e com a multiplicidade das alteridades que existem, par a par, na nossa realidade tão complicada e tão variadamente emaranhada” (GADAMER, 2001, p. 94). O nosso mundo, caracterizado pela multiplicidade (de línguas, religiões, culturas e tradições) e guiado pela racionalidade científica, apresenta-se tão intolerante como em épocas anteriores. Por outro lado, o encurtamento das distâncias, as técnicas de comunicação e todas as outras formas possíveis da mobilidade contemporânea geram novos confrontos que levam à intolerância.

Em nosso tempo, a tarefa moral da tolerância parece ter se tornado uma tarefa individual que cabe a cada qual. No entanto, o enfraquecimento dos vínculos coletivos “onde já nada de comum, seja de que espécie for, possui um caráter de dever [...] domina, na verdade, sem restrições o ideal do ordenamento juridicamente assegurado e, desse modo torna-se determinante apenas a tirania da função” (GADAMER, 2001, p. 94). A tirania da função é a tirania do sistema em que estamos incorporados e nos constrange à identificação com ele. Gadamer diagnostica de forma negativa: “A racionalização e a funcionalização correntes de todas as

áreas vitais não prometem uma constituição social pacífica e fundada no consenso; conduzem antes a uma espécie de revitalização de todos os aspectos da intolerância, que radicam na natureza da ânsia de domínio e na prossecução de interesses” (2001, p. 95).

Considerações finais

No percurso do estudo que fizemos, mostramos que a tolerância é uma das preocupações do pensamento de Gadamer. É da própria natureza do pensamento hermenêutico a busca do entendimento, da compreensão, do acordo. No diálogo hermenêutico sempre existe algo em comum que possibilita uma linguagem, uma aproximação e superação de fronteiras ou abismos aparentemente intransponíveis.

A tolerância apresenta-se como um princípio orientador, uma virtude que possibilita o entendimento; é a tolerância, a postura de escuta, de abertura, que possibilita encontrar os pontos de contato, os pontos comuns sobre os quais se torna possível estabelecer uma troca de idéias e de experiências. É a tolerância que possibilita descobrir o que une para compreender o que separa. Nesse sentido, uma das maiores dificuldades apontadas por Gadamer para o acontecimento do diálogo hermenêutico situa-se justamente na incapacidade para ouvir, na incapacidade subjetiva de tomar uma postura de abertura, de pergunta, de respeito, de tolerância. O verdadeiro diálogo exige que o parceiro vá ao encontro do outro, escute seu ponto de

vista, deixe-se influenciar. Não deve haver a pretensão de um parceiro impor sua opinião sobre outro, nem significa, necessariamente, estar de acordo com o parceiro. O parceiro deve poder ponderar e pensar sobre o que o outro pensa.

Em relação ao nosso tempo, Gadamer apresenta um quadro desolador no qual impera a intolerância nas instituições. Já não é mais o problema da tolerância religiosa que se encontra em primeiro plano; são os processos econômicos e técnicos, apoiados na racionalidade científica, os verdadeiros dominadores dos nossos dias. As excessivas industrialização e burocratização da sociedade dissolveram muitas das tradições outrora válidas. São tantas as alterações de nossa sociedade que faltam as convicções comuns. O nosso mundo, caracterizado pela multiplicidade (de línguas, religiões, culturas e tradições) e guiado pela racionalidade científica, apresenta-se tão intolerante como em épocas anteriores. Por outro lado, o encurtamento das distâncias, as técnicas de comunicação e todas as outras formas possíveis da mobilidade contemporânea geraram novos confrontos que levam à intolerância.

Abstract

The text presents notes on tolerance in the perspective of Gadamer's hermeneutics. This is done following from the nature of the hermeneutical dialog, going through the Idea of tolerance which Gadamer presents in Praise of the theory.

Key-words: hermeneutics, tolerance, dialog.

Referências

ALMEIDA, C. A criação e construção do espaço pedagógico. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 31, n. 122, p. 21-31, jan./mar. 2002.

GADAMER, H-G. *Verdad y método: fundamentos de una hermenéutica filosófica*. Trad. por Ana Agud Aparicio e Rafael de Agapito. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1977. Trad. de Wahrheit und Methode.

_____. *Verdad y método II*. Trad. por Manuel Olasagasti. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.

_____. *Elogio da teoria*. Trad. por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001. Trad. de Lob der Theorie.

_____. Da palavra ao conceito. Trad. por Hans-Georg Flickinger. In: ALMEIDA, C. et. al. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. p. 13-26.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. por Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. por Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

Notas

- ¹ “A idéia de tolerância 1782-1982” foi uma conferência proferida em 15 de março de 1982 em Viena, na abertura do Internationalen Toleranzgesprächs.
- ² Os *mass media* são os sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação; são geridos por empresas especializadas na comunicação de massas, privadas, públicas ou estatais. São os vários meios de expressão social – a imprensa, a televisão, o rádio e o cinema –, orientados para um público que se pretende o mais abrangente possível, produzindo um produto específico de mensagens políticas, ideológicas, comerciais, recreativas e culturais etc.